PERSPECTIVA HISTÓRICA DO PAN-AFRICANISMO BRASILEIRO NO SÉCULO XX



Allison Teixeira

EDITORA MANUAL

ALLISON TEIXEIRA

PERSPECTIVA HISTÓRICA DO PAN-AFRICANISMO BRASILEIRO NO SÉCULO XX

1ª Edição

Editora Manual
2024

Copyright © do autor. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial:

Dr. Rafael Durant Pacheco – Faculdad Interamericana de Ciências Sociales
Dr. Josele da Rocha Monteiro - Faculdad Interamericana de Ciências Sociales
Me. Afonso Henrique Souza de Assis – Secretaria da Educação do Estado do Espírito Santo.
Me. Mirabel Silva dos Santos – Universidade Federal do Alagoas
Me. Sueli Cristiana Merotto – Centro Universitário Vale do Cricaré

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Allison
Perspectiva histórica do pan-africanismo brasileiro no século XX [livro eletrônico] / Allison Teixeira. -- 1. ed. -- Cariacica, ES : Editora Manual, 2024.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-981790-7-6

1. África - Política e governo 2. África - Relações exteriores 3. Brasil - Relações raciais 4. Pan-africanismo I. Título.

24-199477 CDD-305.896081

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Negros : Sociologia 305.896081

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Obra publicada em Março de 2024.

PREFÁCIO

Nas páginas deste livro, adentramos o universo do Movimento Pan-Africanista do século XX, uma narrativa que se desdobra através das lentes penetrantes de Philippe Decraene e outros pensadores influentes. Emergindo como uma manifestação de solidariedade entre os negros de ascendência africana, tanto das Antilhas Britânicas quanto dos Estados Unidos da América do Norte, este movimento evoluiu para além de uma simples aliança, tornando-se uma força vital no panorama do nacionalismo africano e na busca pela independência e autonomia dos Estados soberanos.

Neste cenário multifacetado, destacamos figuras emblemáticas como Marcus Mosiah Garvey, cujo fervoroso engajamento no Pan-Africanismo inspirou e capacitou a emancipação de inúmeras pessoas negras ao redor do mundo, reacendendo um orgulho racial há muito esquecido após séculos de opressão e escravidão.

Contudo, ao longo desta jornada intelectual, também nos deparamos com lacunas a serem preenchidas, especialmente quando contemplamos a adesão, ou a falta dela, do Brasil ao Movimento Pan-Africanista. Enquanto países como os Estados Unidos e as Ilhas Caribenhas encontravam-se imersos em discussões fervorosas sobre a solidariedade negra e a luta contra o imperialismo, o Brasil parecia distante dessas narrativas, refugiado sob a suposta égide da democracia racial.

Explorando meticulosamente as raízes e os desdobramentos do Pan-Africanismo no contexto brasileiro, esta obra lança luz sobre as razões por trás dessa aparente ausência de engajamento, questionando se os países onde a escravidão foi mais segregada tendem a ser menos receptivos às ideias pan-africanistas. Desafiamos as interpretações estabelecidas, como o "mito da democracia racial" proposto por Gilberto Freyre, e mergulhamos nas contribuições fundamentais de líderes como Abdias do Nascimento, cujo papel como disseminador do movimento no Brasil foi de suma importância.

Com uma análise criteriosa das obras e do ativismo desses visionários, somos conduzidos a uma compreensão mais profunda das marcas deixadas pelo Pan-Africanismo na sociedade brasileira, seu impacto na luta por direitos e igualdade para afrodescendentes e seu papel na formação do Movimento Negro Unificado, um símbolo duradouro de resistência e perseverança.

À medida que desvendamos os intricados fios que compõem o tecido do Movimento Pan-Africanista, é nossa esperança que este livro não apenas enriqueça nosso entendimento da história, mas também inspire novas reflexões sobre o combate às desigualdades e a busca por uma plenitude que há muito tempo é negada às pessoas negras em todo o mundo. Que estas páginas sirvam como um convite para uma jornada intelectual enriquecedora e um compromisso renovado com a justiça e a igualdade para todos.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1 **09**

Introdução

CAPÍTULO 2 **16**

Os pan-africanistas

CAPÍTULO 3 **26**

Pan-africanismo integralista x pan-africanismo libertário

CAPÍTULO 4 **31**

Marcus Mosiah Garvey

CAPÍTULO 5 **40**

O pan-africanismo no Brasil pela perspectiva da Imprensa Negra

CAPÍTULO 6 **58**

Pan-africanismo brasileiro no caminho para o Quilombismo.

CAPÍTULO 7 **65**

Considerações Finais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **67**

SOBRE O AUTOR **71**

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O Movimento Pan-Africanista do século XX, sob a ótica do francês Philippe Decraene, que será um dos autores basilares deste estudo, surge como uma "manifestação de solidariedade fraterna entre os negros de ascendência africana das Antilhas Britânicas e dos Estados Unidos da América do Norte" (DECRAENE, 1962, p.13). E o que foi pensado para ser uma aliança, ainda segundo o ilustre autor, "tornou-se parte integrante do nacionalismo africano, alimenta luta por independências e condições prévias de Constituições de Federações que agrupam Estados Soberanos" (DECRAENE, 1962, p.22). O movimento ainda buscou estabelecer "progressiva elaboração de uma estratégia baseada na não-violência". Estes apontamentos inicias englobam parte do meu interesse sobre essa temática enquanto um "ascendente" afro-brasileiro e soma-se a isso lideranças mundiais inspiradoras que terão devido espaço neste trabalho, sendo a principal delas Marcus

Mosiah Garvey. Nascido em Saint Ann's Bay, Jamaica, em 1887 (RABELO, 2012, p.3), nesta pequena ilha do caribe, Garvey é considerado um dos pilares do Movimento Pan-africanista e seu engajamento nesta causa foi capaz de promover a emancipação de pessoas pretas ao redor do mundo e um orgulho racial que precisava ser resgatado após séculos de escravização. Para Horace Campbell (1983), o Pan-Africanismo também pode ser entendido como um movimento de resistência ante ao imperialismo capitalista que repartiu a África entre as potências europeias. Segundo o professor Danilo Rabelo, da Universidade de Brasília, em tese publicada 2006, que foi capaz de fazer um excelente diagnóstico da história e cultura jamaicana: "O impacto do Garveyismo nos países africanos foi imenso [...] A influência de Garvey na África podem ser observados nas ideias de líderes políticos como Kwame Nkrumah, o qual em sua autobiografia reconhece que a filosofia de retorno a África de Garvey o inspirou e o influenciou mais do que qualquer outra para fazer de Gana o primeiro Estado africano soberano e independente da era pós colonial" (RABELO, 2006, p.126).

Entretanto, durante a produção deste estudo, foram identificadas algumas lacunas para aprofundamento do tema. Como já exposto, existe uma primazia da discussão envolvendo Estados Unidos, Ilhas Caribenhas e povos de África. No Brasil, ao que parece, o tema não esteve no cerne das teorias acadêmicas, apesar de ser observado nesta pesquisa relevante presença em jornais que representavam uma "imprensa negra". Atualmente o professor Flavio Francisco da Universidade de São Paulo tem liderado um notável grupo de estudos que se debruça em identificar os discursos do Garveyismo no jornal *'O Clarim da Alvorada'*. O autor observa dois momentos que marcam a perspectiva aplicada pelo editorial do jornal: "Ao longo de sua trajetória, o Clarim atribuiu diferentes significados às experiências políticas afro-americanas. Em seus primeiros anos, o periódico negro brasileiro explorou demasiadamente os embates entre negros e brancos nos Estados Unidos, ressaltando, sobretudo, uma narrativa de conflitos raciais que radicalizavam cada vez mais as posições de dois grupos fechados para uma solução pacífica. O assunto era sempre tratado de maneira genérica, retratando uma sociedade completamente

segregada e violenta, ignorando os matizes do problema racial e a diversidade de posições políticas em jogo. O objetivo fundamental era o de reforçar o contraste entre a vocação brasileira para a fraternidade racial e o descontrole dos norte-americanos [...]. No final da década de 1920, o Clarim mudou um pouco o seu discurso, publicando, ainda, artigos que, genericamente, comparavam as sociedades brasileira e norte-americana, mas retratando iniciativas positivas dos afro-americanos, tratando-as como exemplo para as lideranças negras no Brasil. A agitação política, que culminaria com a Revolução de 30 no país, teve consequências entre o ativismo negro que passou a criticar a República brasileira, que não havia cumprido a expectativa de integrar a população negra. Nesse período, é possível perceber o aumento na quantidade de artigos que afirmavam a importância de uma fraternidade racial entre os brasileiros, mas que denunciavam inúmeros casos de preconceito. Parte da mudança na abordagem do Clarim em relação às experiências afroamericanas esteve associada às suas fontes. Em seus primeiros anos, as informações sobre os Estados Unidos eram reproduzidas

dos grandes jornais do período, como O Estado de São Paulo, ou coletadas das agências internacionais de notícias, como a Associated Press e a United Press Association, já presentes no Brasil (MARTINS; LUCA, 2008, p.152). No final da década de 1920, o Clarim começou a receber exemplares do Chicago Defender e do Negro World. No caso do primeiro, houve uma espécie de intercâmbio entre o jornal brasileiro e o norte-americano, que surgiu a partir de uma rede de jornalistas iniciada com a viagem de Robert Abbott, editor do Chicago Defender, para o Brasil, em 1923" (FRANCISCO, 2014, p.97).

Com a prerrogativa de apresentar uma perspectiva histórica do Pan-Africanismo nas primeiras décadas do século passado, os estudos de Flavio Francisco contribuem muito a esse estudo na elaboração de uma possível tese que possa explicar a aparente baixa adesão do Movimento Pan-africanista no Brasil: será que os países onde a escravização foi realizada de forma mais segregada tendem a ser mais receptivos a ideias pan-africanistas? Enquanto o Brasil do século XX vivia sob a égide interpretativa da democracia racial de uma nação

miscigenada (FREYRE, 1933), sabemos que os marcadores sociais estadunidenses eram expressados pela cor da pele e, acompanhando os dados de Rabelo na tabela 1 de sua tese que demonstra a distribuição étnica da população jamaicana, podemos observar que os negros eram 90,4% e as outras etnias 9,6%, sendo apenas 0,2% de brancos (REBELO, 2006, p.41). Logo, é também interesse deste trabalho ao menos questionar os escritos de Gilberto Freyre e seus comentadores críticos a respeito do "mito da democracia racial" e seus desdobramentos, além de não encerrar a questão do Movimento Pan-africanista sem antes estabelecer Abdias do Nascimento como esse grande difusor das ideias do movimento em solo brasileiro.

Para a pesquisadora Elisa Ferreira Teixeira: "as marcas do pan-africanismo nas suas obras são explicitadas no momento em que há a defesa dos direitos e a luta pela igualdade dos afrodescendentes na nossa sociedade" (TEIXEIRA, 2019, p.8). A autora analisa os livros 'O genocídio negro brasileiro: processo de um racismo mascarado' (1978) e 'O quilombismo:

documentos de uma militância pan-africanista' (1980) para reforçar como foi determinante o papel de Abdias como disseminador do movimento. Além disso, de acordo com a socióloga Priscila Nucci, Abdias do Nascimento foi quem organizou o primeiro congresso pan-africanista no Brasil, em 1938. (NUCCI, 2012).

CAPÍTULO 2

OS PAN-AFRICANISTAS

O livro quase enciclopédico de Philippe Decreane nos permite expandir largamente o conceito do que foi o Pan-africanismo. Primeiro porque para o autor existiram vertentes dentro do movimento que direcionaram forças para o aspecto social, cultural e religioso, além de diversos personagens que não só escreveram a respeito, mas incorporaram de fato a luta e as ações do movimento. Dentre estes, para Decreane, o "precursor: Sylvester Willians".

> "É a um advogado da ilha de Trinidad, inscrito no foro inglês em fins do século XIX, que parece caber a honra de haver traçado o caminho pelo qual muitos outros haveriam de acompanha-lo no século XX. Esse advogado, Henry Sylvester Willians, estabelecera íntimas relações com os oeste-africanos residentes na Grã-Bretanha. Especializando-se nas questões agrárias que tiveram considerável importância nos primeiros tempos da instalação europeia na África, tornando-se uma espécie de conselheiro jurídico deles. Em 1900, no momento da exposição universal de Paris, tomou Sylvester Willians a iniciativa de convocar em

> Westminster Hall, em Londres, uma conferência destinada a protestar contra o açambarcamento, pelos europeus, das terras consuetudinárias. Utilizou-se simultaneamente, com sua habilidade, a boa vontade dos missionários britânicos e o velho fundo abolicionista de uma fração da opinião inglesa. A cremos no que afirma o Dr W. E. B. du Bois, grande figura pan-africana, foi essa reunião de Londres que colocou pela primeira vez em moda a palavra "pan-africanismo"."
> (DECREANE, 1962, p. 13-14)

Esse marco apontado por Decreane é indubitável. O congresso de 1900 é tido como o primeiro congresso pan-africanista da história. Entretanto, alguns autores não enxergam o movimento a partir de Willians, e sim de Booker Talafierro Washington. O Mr. Washington, como ficou conhecido, nasceu na América na condição de escravizado conseguindo estudar após a guerra civil americana (GLEDHILL, 2020). O impacto do ensino foi tão revolucionário na vida de Booker que aos 25 anos de idade foi o diretor-fundador de uma escola regular e profissionalizante para negros em Tuskegee, no Alabama, que nos dias atuais ocupa o posto de Universidade. A Tuskesgee School foi responsável por formar lideranças

negras de muito prestígio e, a época, é provável que tenha influenciado uma das maiores lideranças do movimento: William Edward Burghardt du Bois. (RABELO, 2006) aponta também a influência de Booker T. Washington em Marcus Garvey, nas palavras do autor: “O programa para desenvolvimento negro na Jamaica foi inspirado no programa que o líder negro norte-americano Booker Talafierro Washington (1856-1915) estava implantando no Tunkesgee Institute, no Estado do Alabama. Aliás, a decisão de formar a UNIA foi tomada por Garvey, após a leitura da autobiografia de Washington, intitulada Up From Slavery (Libertado da Escravidão)” (RABELO, 2006, p. 127). Ainda segundo o professor Danilo Rabelo, a iniciativa de Mr. Washington ao fundar a Tuskesgee era “formar professores negros para melhor educação e desenvolvimento social dos afrodescendentes”.

Para o Historiador Gustavo Durão, Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, “O desafio na interpretação do pan-africanismo e de sua relação com o pós-colonial está justamente na dificuldade de se fugir de abordagem bibliográfica de seus

principais expoentes" (DURÃO, 2018, p. 213). Ainda assim: "Uma determinada configuração do pensamento africanista foi se fortalecendo na medida em que os autores africanos ou afrodescendentes buscavam romper com as métricas excludentes divulgadas pela civilização ocidental majoritariamente europeia. O negro-africano não pregava o ódio ao branco, mas ao modelo desenvolvido por esse branco/europeu. A superioridade do "homem branco" permeou durante muito tempo as produções intelectuais tendo penetrado ainda na forma de governo, ou nos modelos dos Estados recém-independentes" (DAVIDSON, 1967, p. 54). Durão também acredita que o pan-africanismo tenha ganhado contornos mais claros a partir das manifestações culturais: poesias, ensaios, movimentos artísticos que começaram neste trânsito entre América do Norte, Caribe, emigrantes dessas regiões na Europa e África. (DURÃO, 2018, p. 215). Recuperando a análise do sociólogo Alain Kaly, considera-se que os primeiros pensadores do pan-africanismo estavam realmente engajados na luta para provarem sua condição de humanidade e de igualdade intelectual, principalmente, diante de diversas produções

do racismo científico a exemplo da obra de Arthur de Gobineau (KALY, 2007, p. 86).

Novamente nos estudos deste trabalho ficou estabelecido o movimento formador do movimento acontecido em 1900, como nos afirma Alain Kaly:

> *"*Grande parte dos estudiosos do pan-africanismo situa o seu começo a partir do primeiro encontro de 1900 acontecido em Londres e destaca DuBois como mentor intelectual. [...] Assim, no século XIX, na Europa Ocidental, originou-se uma nova produção de conhecimento tida como científica particularmente direcionada aos não brancos. Estes estudos visavam "cientificamente" comprovar que estes eram seres inferiores e que precisavam do amparo europeu para chegarem à civilização". (KALY, 2007, p. 86-7).

É preciso ressaltar ainda que a palavra pan-africanismo foi criada no contexto do pan-germanismo, do pan-eslavismo e do pan-arabismo, sendo, como seus análogos, uma representação da aspiração dos africanos a se unirem em uma nação única sobre o símbolo de um só Estado, para justamente apagar as situações ultrajantes de

violência escravista, de diáspora e de domínio colonial. O conceito de pan-africanismo teve um grande peso político para os pensadores negros do século XIX e XX, inclusive por carregar consigo a esperança de restaurar uma dignidade negra, realizando uma "revanche sobre a história" (BETI; TOBNER, 2007, p. 188 – tradução livre de Gustavo Durão). Ainda citando Kaly: "Depois da Conferência, em muitas partes, os movimentos organizados e dirigidos por negros foram se espalhando em prol da conquista da cidadania e da dignidade humana" (KALY, 2007, p. 95).

Para C. R. L. James, no seu livro "A History of Pan-african Revolt", o conceito de pan-africanismo estava atrelado a três fatores fundamentais: o primeiro era a movimentação contra a colonização na África, o segundo se debruçava sobre o problema da inexistência de direitos para os negros afro-americanos, e o último fator do conceito era relativo aos conflitos existentes nas ilhas do Caribe (James, 2012, p.24). James também aponta o papel de George Padmore como personagem central na militância da esquerda pan-africanista. Esse papel é

corroborado por Donizeth Santos ao afirmar que Padmore foi um negociador das alianças que unificaram África e grande parte da América perante o movimento. (SANTOS, 2017, p. 112).

Com base em tudo que está sendo explanado é possível entender o que Basil Davidson afirmou ser uma "solidariedade racial imaginada" composta de muitos homens protagonistas que juntados em um plano maior formam o movimento que é tema deste estudo. Por isso, torna-se relevante tratar a respeito de Edward Wilmot Blyden. Segundo o professor Danilo Rabelo, "a paternidade do pan-africanismo é dividida entre Willians e Edward Blyden". (RABELO, 2006, p.10). Já para Gustavo Durão, Blyden é o pai solo do Movimento Pan-Africanista. Isso se choca com o pensamento do francês Philippe Decreane que aponta o pioneirismo de W. E. B. du Bois. Há certa abertura para questionar essa importância que é dada a Blyden nos pesquisadores brasileiros, fato é que a ideia de uma África como berço das civilizações apareceu primeiro nas obras do referido autor. Entretanto, em suas obras existem também muito

espaço para pluralidade do que era conhecido sobre os povos africanos:

> "Existem negros e negros. As numerosas tribos habitando o vasto continente da África não podem mais ser olhadas como iguais em casa respeito quanto os numerosos povos de África podem ser então olhados. Existem as mesmas variedades tribais ou familiares tanto entre africanos quanto entre os europeus... Existem os Foulahs habitando na região do Alto Níger, os Housas, os Bornéus de Senegambia, os Núbios da região do Nilo, de Darfoor e Kordofan, os Ashantis, Fantus, Daomeianos, Yorubas e toda classe de tribos ocupando as porções oriental, central e ocidental do continente ao norte do Equador. Então existem as tribos da Guiné Baixa e de Angola... Todas essas diferindo em batida original e instintos tradicionais... Agora, deveria ser evidente que nenhuma descrição apressada pode incluir todos esses povos, nenhuma única definição, por mais compreensiva, pode abarca-las todas."
> (BLYDEN, 1888, p. 272-273)

Em (RABELO, 2006) é posto que "tanto Blyden quanto Garvey insistiram no desenvolvimento de uma dignidade, de um auto-respeito, de um auto-conhecimento e de um orgulho racial". E em outro trecho: "O orgulho de Garvey e Blyden era a afirmação de que a raça negra era

responsável pelo surgimento da civilização" (RABELO, 2006, p. 371). Segundo Carrilho e Irele: "Blyden propôs a África, e isto pela primeira vez, como referência imediata para o homem negro. Não mais um povo sem história, mas uma 'civilização africana organizada à volta de um sistema corrente de situações e de costumes, animada de valores morais e espirituais. O africano não era, portanto, inferior ao europeu, era simplesmente diferente, tinha uma personalidade própria'. (CARRILHO, 1975, p. 68; IRELE, 2008, p. 115-40). Isto posto, ainda seguindo o pensamento francês de Amselle, na compreensão de Blyden existem diversos estereótipos que servem para caracterizar a África e os africanos, muitas vezes realizadas de modo parcial e até romântico. Já para Mbembe: "A originalidade do pan-africanismo de Blyden era iniciar uma identificação de pertencimento do negro que, antes de estar enraizado em seu território, dava-se conta de um espaço originário comum. Com isso, percebe-se uma noção de povo negro espalhado pelo mundo que poderia ser ao mesmo tempo "nativo" ou "cidadão". Essa espécie de mitologia criada por Blyden agrega essa noção de africanidade tão inovadora para o

início do século XX e o continente africano é o ponto de chegada e ao mesmo tempo lugar “natural do povo negro”, separado pela escravização e pela diáspora” (MBEMBE, 2001, p. 185).

CAPÍTULO 3

PAN-AFRICANISMO INTEGRALISTA X PAN-AFRICANISMO LIBERTÁRIO

Como já mencionado, é difícil não relacionar o pan-africanismo a personagens individuais com enorme relevância ao longo desses mais de cem anos do primeiro congresso. Nomes como o do pastor Martin Luther King Jr, Malcolm X e Kwame Nkrumah ainda poderão ter seu digno espaço neste estudo, porém, é inegável que o grande debate a respeito do pan-africanismo coloca em oposição os dois principais ícones e, consequentemente, suas ideias. Estamos falando de William Edward Burghardt du Bois e Marcus Mosiah Garvey. O Mestre em Estudos Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal do Bahia, Márcio Paim, definiu ainda outras categorias para o pan-africanismo. Segundo o autor o movimento é também religioso, econômico, socialista, no mínimo, ainda tendo amplitude para ser explorado.

Segundo (DECREANE, 1962, p.15): (Du Bois) “pai do pan-africanismo nasceu livre, em 1868, em uma aldeiazinha de Massachusetts. Discípulo, a princípio de Booker T. Washington, não tardou em dissentir do antigo mestre, e já em 1903, em The souls of the black foulk, uma de suas primeiras obras, respondia com um “não” categórico à pergunta seguinte, que propunha, diante do mundo, ao fundador do Tuskegee Institute: Será possível, será provável que possam nove milhões de homens realizar, no plano econômico, verdadeiros progressos, quando privados de direitos políticos, quando reduzidos apenas a uma casta servil, e quando não se lhes concede a mais mínima oportunidade de desenvolver os seus jovens intelectualmente bem dotados?” (DECREANE, p.15, 1962).

Questionar o papel do negro na sociedade estadunidense foi o grande marco do pensamento de DuBois, não havia ‘american dream’ se você fosse um homem de cor e para ele o grande problema do século XX seria a “divisão da linha de cor”. Para Gustavo Durão, o

livro “Almas do povo preto (1902)” era a maior indicação de erudição e provocação em relação ao sistema de exclusão que era promovido pela política norte-americana.

Para James, “durante algum tempo, as movimentações pan-africanas de DuBois foram tratadas com certa cerimônia, contudo, compreende-se que para o início do século XX a própria constatação de que o negro estava à margem dos sistemas hegemônicos de construção do saber já seria algo extremamente revolucionário. Todas as interlocuções do momento eram válidas, pois não havia uma divisão tão acentuada dos fatores nacionais ou políticos, o elemento que unia os debates entre pensadores africanos e afro-americanos eram muitas vezes a exclusão e o preconceito – experiências comuns vividas por eles (JAMES, 2012, p. 2). Pode-se ver que os congressos foram os principais definidores das balizas do conceito de pan-africanismo e a figura de William Edwards Burghardt DuBois foi essencial para a divulgação da noção de pan-africanismo. Nos anos de 1900, 1919, 1921, 1923, 1927 e 1945, americanos, antilhanos e militantes da causa negra

de uma maneira geral, se reuniram nesses congressos para discutir e (re) elaborar os espaços de identidade e pertencimento dos negro-africanos. Considera-se que as perspectivas iniciais eram debater sobre a estrutura da colonização e da condição da comunidade negra transnacional, contudo, o último congresso demandava a emancipação dos países no continente africano (BETI; TOBNER, 2007, p. 188). Para o pensador Carrilho, a atuação de Dubois foi essencial na valorização do "ser negro" para atingir condições propícias de uma percepção que devia ser mais generalizada e coletiva da descendência africana. Atribui-se a essas noções a mudança de comportamento de um reduto negro americano conhecido como Harlem Renascence (A renascença do Harlem). Ainda segundo Carrilho: Ocorrido entre 1920 e 1930, o Harlem Renascence foi incentivado pela antologia de Alain Locke, a qual preconizava a necessidade de um despertar cultural do afroamericano, percebendo ainda que a "raça" negra deveria voltar a ser protagonista do campo cultural, filosófico e se espraiar para toda a sociedade americana (CARRILHO, 1975, p. 72).

Dubois também foi responsável pelo primeiro estudo de sociologia realizado por um afro-americano com a publicação de sua obra: *o negro de Filadélfia: um estudo racial*, publicada pela primeira vez em 1899 e depois republicada em 1967, quatro anos após a sua morte. Seu principal livro: *almas da gente negra* (Ou Almas do povo preto), publicado em 1903 e depois em 1999 foi considerado um divisor de águas no posicionamento político de Dubois ao romper com seu antigo aliado Booker T. Washington que, na interpretação de Dubois, advogava uma posição de acomodação frente ao segregacionismo direcionado a comunidade afro-americana.

CAPÍTULO 4

MARCUS MOSIAH GARVEY

RABELLO, 2006, p.120 afirma que "Após a I Guerra Mundial (1914-1918), o etiopianismo iria influenciar o Garveyismo, um movimento de contestação sociopolítica e racial iniciado na Jamaica e que, rapidamente se espalhou pelo Caribe, pelo continente americano e pela África. A denominação dessa doutrina deriva do sobrenome do seu líder Marcus Garvey (1887-1940), o qual é considerado um herói nacional na Jamaica". Sobre o mesmo é dito que já na primeira infância pregava que os "tempos em que os jamaicanos comuns viajariam livremente para diferentes países do mundo estavam chegando". Em agosto de 1914, Garvey junta amigos para fundar a The Universal Negro Improvement Association and Conservation Association and African Communities League, em português, Associação Universal para o Melhoramento do Negro e Associação de Conservação e Liga das Comunidades

Africanas. A UNIA, como ficou conhecida, buscava organizar os negros jamaicanos em luta para os direitos civis e também “juntar as pessoas da raça”. Os princípios elementares da UNIA eram: Estabelecer uma fraternidade universal entre a raça. Promover o espírito de orgulho e amor racial; Recuperar a queda da raça; Administrar e assistir aos necessitados; Assistir e civilizar as tribos atrasadas da África; Fortalecer o imperialismo dos Estados Independentes africanos; estabelecer comissões ou agências nos principais países do mundo para a proteção de todos os negros, independentemente de sua nacionalidade; promover um consciente culto cristão entre as tribos nativas da África; Estabelecer faculdades, universidades e escolas secundárias para maior educação e cultura dos meninos e meninas da raça;

O historiador francês Phillipe Decreane também compartilha do pensamento de que Marcus Garvey, enquanto movimento, surge após a Grande Guerra. Decreane classifica o ilustre jamaicano como “visionário, demagogo, espécie de Messias negro”. Para o historiador, o grande intuito da UNIA era unir todos os negros em um

só povo e por meio de seus admiradores Mosiah Garvey arrancava, dólar por dólar, recursos para os seus "projetos delirantes". Destaca-se, além dos princípios da UNIA, manifesto lançado em 1920, denominado de "Declaração dos Direitos dos Povos Negros do Mundo" tendo 54 pontos. Garvey também "preconizou o regresso de todos os negros à África, sua mãe-pátria, e, com essa finalidade, organizou uma companhia de navegação, a Black Star Line". Já Flávio Francisco atribui o fenômeno especificamente estadunidense da grande migração a ascensão de Marcus Mosiah Garvey, na fuga em massa dos negros dos estados sulistas a caminho das terras do norte surge uma forte necessidade de "refúgio" e acolhimento, e com o pregador jamaicano puderam fazer parte de algo realmente relevante. É importante ressaltar que Garvey inicia sua vida auxiliando um familiar em uma gráfica e que esse ofício fez dele um exímio editor de jornais. Garvey passa a ter suas próprias publicações originais e com elas alcançar diversos públicos. É o que acontece com o jornal *Watchmen*, *Negro World*, *La prensa* e tantos outros. Segundo (FRANCISCO, 2014) "o jornal, além de divulgar o pensamento de Marcus Garvey,

publicava informes sobre as atividades da UNIA, reservava uma seção de cartas para os leitores e celebrava grandes figuras da história negra como o libertador haitiano Toussaint L'Overture, escravos rebeldes como Denmark Vesay e Gabriel Prosser, além de narrativas heroicas de povos africanos que desafiaram as autoridades coloniais europeias". (FRANCISCO, 2014, p.95).

(JAMES, 2012) é outro pesquisador que atende essa de linha análise mais centralizada nos negros norte-americanos. Já para (CARRILHO, 1975): "O movimento popular encabeçado por Garvey assume no primeiro pós-guerra uma extraordinária dimensão coletiva. Conseguiria atrair milhares e milhares de negros, de Harlem e de todo o país, explicando-lhes que nos Estado Unidos jamais obteriam a igualdade completa: a terra prometida era uma vez mais a África-mãe, para onde era preciso partir em conjunto". (CARRILHO, 1975, p. 71-2). Segue no que pode ser o entendimento de Garvey ainda como "um dos primeiros pensadores a abordar o pensamento anticolonial, pois a sua noção de retorno ao continente buscava um projeto de modernização e emancipação com

o qual se rompia a perspectiva hierárquica da colonização. Através de suas ideias podem ter surgido os primeiros rasgos da diáspora africana, essa preocupação em se reencontrar as raízes e suas especificidades culturais e raciais ligadas a um ideal de africanidade" (SANCHES, 2012, p. 15). Alguns feitos concretos de Garvey eram: a organização das tropas negras (marchavam uniformizados nas paradas organizadas pela UNIA), a construção do Liberty Hall: um local voltado para os congressos e demonstrações públicas e a criação da Black Star Line: uma linha de navios temática que fez na realidade uma ou duas viagens. Essa linha buscava levar os afro-americanos direto para o continente africano materializando o projeto de volta ao continente (JAMES, 2012, p. 93). Não é descolado da ideia afirmações que transmitem Garvey como um negro americano consciente de sua origem africana, preocupado pela primeira vez com um sentimento de solidariedade internacional entre africanos e pessoas de ascendência africana. Na medida em que é direcionado contra a opressão, é um passo progressivo. Mas o movimento foi em muitos aspectos absurdo e em

outros completamente desonesto. (JAMES, 2012, p. 94 – tradução livre do autor).

É nesse ponto de análise que podemos distinguir o Movimento Pan-Africanista em dois grandes escopos, a partir desse pequeno aprofundamento nos personagens W.E.B du Bois e Mr Garvey. Existe o Movimento Pan-Africanista Integralista e o Movimento Pan-Africanista Libertário. Sob a ótica do Pan-Africanismo de DuBois a luta pela integração dos negros nas sociedades era uma verdadeira razão de ser. Mas para lutar em coletividade era extremamente necessário se identificar como parte de algo, um grupo ético, que apesar das diferenciações é subjugado de forma uniformizada de acordo com a descendência, cor da pele e traços raciais muito próprios de nativos africanos. Márcio Paim aborda essa perspectiva no artigo *'Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na casa de meu pai'*, onde aborda logo no início: "A ideologia Pan-africana pode ser entendida ou abordada sob duas perspectivas. Uma, quanto projeto de libertação e outra quanto projeto de integração". (PAIM, 2012) ainda apresenta que: "A conjuntura política pós-abolição exerceu influência

marcante na definição da concepção Pan-africana de Dubois[...] “Embora, juridicamente e independente de suas epidermes os cidadãos americanos fossem iguais perante a lei, na prática o abismo social, no contexto mencionado, tornara-se intransponível. Sem acesso à educação, os antigos escravos – considerados ignorantes – pela elite branca segregacionista foram “impedidos” por todos os meios e artifícios legais de se manterem próximos da vida política. A “cláusula do avô”, que mantinha longe das eleições os negros analfabetos, foi um exemplo ilustre dos obstáculos confrontados pelos antigos escravos. Nesse sentido, por ser Dubois o primeiro acadêmico afro-americano, via a conscientização racial - adquirida a partir da educação - como o principal meio de acessibilidade social e organização da comunidade afro-americana acerca de seu passado”. O autor ressalta ainda a importância de DuBois na fundação da NAACP (Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor), órgão que existe até os dias atuais ainda sendo um baluarte de extrema relevância.

Já o viés Libertário em Garvey, pode ser expressado num senso comum que pensava a questão como um objetivo coletivo do que seria “a criação de um estado que pudesse aglutinar as comunidades africanas e diaspóricas no sentido de proporcionar o fortalecimento dos vínculos de ancestralidade e melhoria das condições de vida no âmbito internacional. Os desacordos dizem respeito às estratégias” (PAIM, 2012). “Com o propósito de constituir os Estados Unidos da África, Garvey advogou o retorno para África dos africanos e seus descendentes, nesse sentido ele organizou a Black Star Line36, uma empresa de navios a vapor para repatriar as pessoas de ascendência africana de todas as partes do mundo para África. Garvey conseguiu levar as populações africanas e da diáspora a ideia de que o continente africano, já no início do século XX, fora a origem e o lar de uma civilização grandiosa e voltaria a sê-lo novamente”. O pesquisador Petrônio Domingues que trabalha a versão que “A tese de Garvey, de repatriação dos afrodescendentes ao continente africano, adquiriu contornos mais concretos no seu plano de colonização da Libéria, baseado na construção de ferrovias, parque

industrial, colégios, universidades, dentre outros incrementos infraestruturais que possibilitassem o desenvolvimento do país da África Ocidental, originado da colonização de ex-escravos estadunidenses a partir da segunda década do século xix. A Libéria—no contexto de uma África partilhada e dominada pelas nações europeias—era reconhecida pelas grandes potências como Estado independente". (DOMINGUES, 2012, p.5).

CAPÍTULO 5

O PAN-AFRICANISMO NO BRASIL PELA PERSPECTIVA DA IMPRENSA NEGRA

Tratar do tema da atuação do Movimento Pan-africanista no Brasil pode se tornar um caminho complicado. Apesar de todo o aprofundamento que essa pesquisa buscou fazer, pouco se achou de fato, no ambiente acadêmico, espaços que dessem vazão a um movimento que já demonstramos ter sido global. Trabalhos como o de Thayna Costa: *"Negritude e pan-africanismo no pensamento social brasileiro"* e de Elisa Ferreira Teixeira: *"Abdias do Nascimento e o pan-africanismo",* nos apontam um material tardio sobre o tema, que remetem uma produção mais efusiva das décadas de 60 e 70, e isso só pôde ser maior escrutinado a partir de núcleos de estudos especializados em assuntos africanos, sobretudo nas Universidades Federais, como o NEAB-UFES e o Instituto de Pesquisa de Estudos Afro Brasileiros (IPEAFRO). Trabalhos como o de Ivaldo Lima e Cunha Júnior, apesar de serem fundamentais para

entendimento da temática no aspecto geral, não se debruçam tanto a respeito de um percurso histórico do movimento em solo nacional. Como podemos observar no que foi tratado até aqui, os ideais pan-africanistas foram por muitas vezes "incorporados" e personificados em homens que lideraram massas populares ou as inspiraram a ecoar os objetivos, talvez tenha faltado no Brasil alguém que pudesse assimilar a proposta de tal forma e levá-la a diante já no começo da década de 1920. Nos trabalhos recém citados, onde foi observado, essa atuação tardia, ambos centralizam os estudos em duas figuras masculinas, uma em Abdias do Nascimento e a outra em Ironides Rodrigues. Entretanto, como tem sido apontado em diversos outros estudos, as lutas raciais no Brasil sempre tiveram um caráter de coletividade. É possível notar a partir de trabalhos como de Ynaê Lopes dos Santos, *Racismo Brasileiro*, a existência de vários clubes onde pessoas pretas se reuniam para organizar tais questões.

Dito isso, não é coincidência o fato de se encontrar nos estudos a respeito do tema a presença de jornais e

organizações paralelas, hoje comumente denominadas de Imprensa Negra, que foram essa porta de entrada do Pan-Africanismo Internacional para o Brasil. Jornais como *O Homem de Cor, Brasileiro Pardo, O cabrito, O crioulo*, já atuavam desde o Primeiro Império, ainda segundo Ynaê. Isso nos possibilita afirmar que sim existiam pan-africanistas brasileiros ou pelo menos, pessoas que tinham ciência deste debate que existia ao redor do mundo. Sendo possível a nós enquanto historiadores, questionar a receptividade da fala, a utilização do discurso e a manipulação das edições. Há de se notar e questionar também qual dessas tantas vertentes pan-africanistas foram utilizadas e por quê? Quais eram os melhores canais de acesso e abertura, quais tendências seriam consideradas melhores para serem recebidas, difundidas, compartilhadas e etc.

Se apropriando do artigo de Petrônio Domingues, *"O Moisés dos Pretos: Marcus Garvey no Brasil"*, é relatado que: "No dia 7 de agosto de 1921, o Correio da Manhã, um dos principais jornais da capital da República, publicou uma matéria remetida pelo correspondente do La

Dépêche Coloniale, uma gazeta francesa. Intitulada “A raça negra”, a matéria assinalava o “perigoso movimento dos pretos que reclamam a África para os africanos e tendem a expulsar a França, a Inglaterra e a Bélgica das suas colônias africanas”. A sede da propaganda deste movimento seria em Monróvia, capital da Libéria, e teria à sua testa um “preto” da Jamaica, Marcus Garvey, conhecido entre os seus prosélitos pela alcunha de “Moisés Negro”. (DOMINGUES, 2017, p.129). Essa primeira abordagem que o autor nos apresenta parte de um jornal da considerada Imprensa Regular/Tradicional, onde, em sua edição, usa de tom pejorativo e coloca seus leitores em estado de alerta para um acontecimento que estaria por chegar ao Brasil. O revide na imprensa negra dessas noções descabidas, ainda segundo o autor, data de somente 8 anos depois quando textualmente o Clarim d’Alvorada traz a seguinte reflexão: “compatriotas da raça negra, não podes ver os sinais dos tempos? O homem branco está tentando tudo que está no seu poder para nos subjugar. Ele é um ladrão e ainda está roubando tudo que suas mãos podem pegar: ele está tentando enganar os negros” sob o pretexto de “proteger o seu dinheiro e seus

direitos". (DOMINGUES, 2017, p.130). E o artigo segue: "Sabeis que um gatuno tem ódio de ver alguém com um saco grande; temos um "leader" que está fazendo todo o esforço para garantir os nossos direitos e estamos mui satisfeitos com ele, não estamos pedindo a alguém para nos proteger. […] Honorário Marcus Garvey, este é o nosso "leader" e nós o seguiremos […]. Negros e negras, trabalhai com fervor: aderi ao programa da Universal Negro Improvement Association (Associação Universal para o Adiantamento do Negro). Estamos cansados de ser iludidos pelo homem branco em todos os tempos. Tomemos ânimo e marchemos para diante e a vitória será nossa". (CLARIM D'ALVORADA, 1929, p.4).

A análise mais premeditada que parte desta última citação nos coloca numa rota de engajamento bastante interessada no tema em 1929. Entretanto, são os trabalhos de Flávio Francisco que nos permitem alargar nossa compreensão, principalmente pelas contribuições que nos oferece ao aprofundamento do conhecimento do referido jornal. Sobre a fundação, (FRANCISCO, 2014, p.1) afirma que: "O Clarim da Alvorada, assim como grande

parte dos jornais da imprensa negra do Estado de São Paulo, nasceu como um periódico sem aspirações claramente políticas, publicando poemas, contos e informações sobre eventos sociais dos clubes recreativos negros". Essa narrativa está em concordância com a afirmativa de E. L. Lesser quando aponta que: "Na cidade de São Paulo, por exemplo, a paisagem foi marcada pela organização de comunidades imigrantes em torno de entidades como clubes sociais, sociedades esportivas e jornais" (LESSER, 2000). O que relaciona Francisco à Domingues no pensamento da "imprensa negra, que se formava no estado, foi produto da iniciativa de uma classe ascendente de negros em um ambiente de associativismo étnico" (DOMINGUES, 2003). A ponte que liga os estudos de Flavio Francisco sobre o Clarim d'Alvorada e a influência do pan-africanismo no Brasil é melhor entendido no trecho a seguir.

> *"*Para compreendermos o processo de seleção de notícias do Negro World procedido pelo Clarim, é necessário, primeiramente, tratar do projeto político do periódico e de alguns ativistas da cidade de São Paulo.

> Diferentemente da época atual, na qual o ativismo negro elabora um discurso da diferença, por meio da crítica à democracia racial brasileira e da valorização de uma identidade especificamente negra, as lideranças negras paulistas do início do século XX imaginaram uma nação a partir de narrativas que idealizavam uma suposta fraternidade entre negros, brancos e indígenas (SEIGEL, 2007). A intenção dos articulistas do Clarim era a de se contrapor aos, ainda fortes, discursos racistas que projetavam uma sociedade brasileira eminentemente europeia". (FRANCISCO, 2014, p.91).

É importante ressaltar que quando é empregado o termo "lideranças paulistas" trata-se na verdade de um punhado de pessoas que se dedicavam a manter em funcionamento esses periódicos, no caso do Clarim destacam-se Jaime de Aguiar e José Correia Leite, que segundo Francisco, atuavam como Bibliotecário e Assistente de Farmácia, respectivamente, com apoio editorial de Gervásio de Moraes e Lino Guedes. Reforçando o pensamento de Flávio Francisco no parágrafo anterior, é de se observar a forma de atuação escolhida para atingir os objetivos. O autor ressalta que: "O periódico negro investiu em representações que dignificavam a população negra e ressaltavam a sua

participação na "edificação da nação brasileira". O Clarim também utilizou a estratégia de clamar por uma solidariedade negra capaz de reunir os negros em uma comunidade que promoveria a inclusão à sociedade brasileira" (FRANCISCO, 2014, p.91). Ou seja, a partir dessas análises em uma fonte de estudo da época, é possível determinar que a tese mais aceita por uma parcela da intelectualidade negra era a tese da inclusão, que se relaciona diretamente com o pan-africanismo integrador à visão de DuBois. Chama atenção o fato deste editorial específico ser publicado muito antes da enciclopédia Casagrande&Senzala de Gilberto Freyre, o que pode revelar um certo espírito de época, ou ainda segundo o autor da pesquisa, a falta de "interpretação de que os negros eram vítimas de práticas sistemáticas de discriminação que configurariam um racismo à brasileira [...] o periódico investia em uma série de símbolos que configuravam narrativas de uma história do negro associada, intimamente, à construção da nação brasileira. O mais celebrado deles foi o da Mãe Preta, representação da negra escrava que se dedicava a alimentar e educar os filhos dos senhores de escravos. O periódico, de maneira

entusiasmada, explorava intensamente essa figura que simbolizava a ascensão de uma congregação racial no Brasil, construindo os laços de uma fraternidade entre negros e brancos". (FRANCISCO, 2014, p.92).

Como pode o mesmo jornal de atuação em prol da causa da pessoa preta transcrever um discurso que afirma: "Estamos cansados de ser iludidos pelo homem branco", no mesmo ano fazer as ponderações de que pretende construir laços de fraternidade conjunta, tendo a ciência que no Brasil imperava a desigualdade social? É curioso notar que o diário *O Combate* adota uma postura muito mais bem definida, nos seguintes trechos destacados de um editorial publicado em 1921: "Ora, meus amigos, se os nossos irmãos brancos nos amarem, nós os amaremos; se nos odiar, nós os odiaremos. Não demos aos ingleses o direito de nos explorar; aos belgas o de nos brutalizar; aos franceses o de nos… Não falemos. Que a França nos prove o seu liberalismo! Quem venceu a [primeira] guerra? O sangue do negro sobre o campo de batalha do branco. […] Ora, sabeis qual foi o reconhecimento dos brancos? Nem sequer concederam uma cadeira na

Conferência da Paz! […] E são eles, os brancos enfatuados, que nos chamam netos de orangotango, que nos vão buscar para vencer as suas guerras; são eles que se julgam senhores do mundo, para ditar as suas vontades e efetuar os seus absurdos. Unamo-nos e seremos livres!" (DOMINGUES, p.133). Pelas formas de expressar as ideias alcança-se a compreensão que o trecho destacado se trata de um discurso inflamado de Marcus Garvey. Outro trecho que marca a presença do pensamento do jamaicano permeando a mentalidade dos pretos daqui é o publicado pelo *Correio da Manhã* em 1920: "No dia 10 de novembro de 1920, o Correio da Manhã publicou um longo artigo relatando como transcorreu a "grande convenção negra" organizada pela Union of Negro Improvement Association, a qual contou com a presença de "25 mil representantes de grande número de associações" dispostas a "proclamar os direitos do homem de cor". [...] De acordo com o Correio da Manhã, o presidente da Unia era a "personalidade mais importante do mundo negro" e seu programa "arrojado"— consistindo em açular os milhões de negros da "América" a oferecerem até seu "sangue" na defesa do ideal de

igualdade e de obtenção de uma pátria sonhada, a África—,porém, sua "eloquência" era "por vezes um pouco exagerada e ingênua". (DOMINGUES, 2017, p.137).

Mais uma vez nota-se na chamada Imprensa Tradicional a tentativa de ridicularizar o incipiente Movimento e enfraquece-lo em sua raiz. As propostas do "Moisés dos Pretos" foram inseridas no campo da ingenuidade e como uma quimera. Era sabido, na publicação do jornal *Hoje* de abril de 1921 que: "Quando chegou aos Estados Unidos, era completamente desconhecido. "Hoje", informa o repórter, sua associação conta "dois milhões de negros organizados em seiscentas ramificações". A ramificação de Nova York "possui dois edifícios, três vapores na Black Star Line, está estabelecendo fábricas e cooperativas e trata de criar um fundo de dois milhões de dólares com o fim de manter um alto poder da raça negra nas terras africanas" (DOMINGUES, 2017, p.138). Essa atuação também se repete na edição de novembro de 1921: "Sem empregar a feição trágica às ameaças de Marcus Garvey, devemos,

contudo, supor que as suas palavras inflamadas encontrarão o terreno favorável nos cérebros de alguns fanáticos que, sinceramente, acreditam haver chegado a hora para o triunfo da raça negra e expulsão da raça branca da África". (DOMINGUES, 2017, p.138).

A mudança dessa perspectiva pode ser observada no que nos apresenta (FRANCISCO 2014): "As outras raças progridem por causa de suas ufanias e seus empenhos ao amor racial, por que nós não fazemos o mesmo?". Mário Vasconcelos, editor do Clarim, passou a trabalhar com mais afinco na busca para entender melhor o que seria esse Movimento. Para Francisco, em seu texto, essa nova atuação possibilitou estimular organizações políticas dos negros brasileiros, e: "O periódico brasileiro, dessa forma, jogava com diferentes identidades, afirmando uma identidade nacional relacionada ao projeto de inclusão do negro à nação brasileira. Uma identidade negra, que clamava pela solidariedade dos negros de São Paulo, e uma transnacional, que reconhecia as ações políticas dos negros de outros países como referências para a atuação no Brasil". (FRANCISCO, 2012, p.104).

Já Domingues, acredita que o envolvimento não se deu apenas por base de um projeto de engajamento político, segundo o autor: “no que concerne à chamada imprensa negra, esta se reportou a Garvey sob perspectiva distinta, transmitindo, via de regra, informações, narrativas e representações enaltecedoras do líder negro. O primeiro órgão dessa imprensa a mencionar algo relacionado à trajetória, ao pensamento e às ações de Garvey foi *O Getulino*, um jornal cidade de Campinas, sp, que circulou entre 1923 e 1926 e contribuiu para o processo de formação de identidades raciais no interior de um movimento social e cultural que lutava pela inserção do negro na sociedade brasileira” (DOMINGUES, 2017, p.141-142).

Um outro trecho de exaltação do movimento pan-africanista em um jornal da imprensa negra, pode ser observado abaixo:

> *“*Os negros, que ainda ontem eram escravos, querem ser agora senhores fundando na Libéria uma república independente. Já adotaram a sua divisa, que é uma

> paródia da de Monroe: A África para os africanos. Como os judeus eles querem reconquistar a pátria, fazendo dela uma potência formidável e livre, onde o branco não terá interferência alguma, onde tudo será obra de pretos, onde pretos serão governados por pretos. O movimento, portanto é sério e talvez triunfante". (FRANCISCO, 2014, p.91).

Ao assentar o tema com predileção nos ideais Garveyistas, foi-se necessário alinhar princípios ultra relevantes do Movimento em sua atuação internacional, era fundamental um melhor entendimento do que representa ser a Mãe África. Sobre essa questão Francisco alega que: "o continente africano foi retratado sempre como um lugar distante no espaço e no tempo, no qual originaram-se os escravos que construíram as bases da nação brasileira. O esforço para retratar a população negra do Brasil como um elemento fundamental na formação do país foi feito por meio de um distanciamento em relação à África. Não era estranho, por exemplo, comentários como os de que assuntos sobre o continente não deveriam ser preocupação dos "homens de cor" do Brasil. Em muitas ocasiões, a África foi considerada como um "espaço selvagem" e do atraso, sem nenhuma perspectiva

de progresso. Se os negros pretendiam seguir os rumos da modernidade brasileira, deveriam, portanto, cortar os laços imaginários com o continente negro" (FRANCISCO, 2014, p.101-102). Já Domingues apresenta uma carta de Cláudio Guerra, uma liderança do jornal Getulino, que em trechos "repudiava ao máximo" o preto brasileiro de aderir o mote de África para os Africanos, ia além, o atualizava para: "A África é pra quem quiser, menos pra nós" (pretos brasileiros). De acordo com Guerra, (citação do texto) "o negro brasileiro já havia rompido seus laços de identificação com a África e criado raízes nesta "terra bendita" que o viu nascer, que o acolheu como "mãe carinhosa", esta terra que lhe pertencia, pois "fomos nós que a edificamos, nós que lhe demos tudo até o sangue para lhe garantir a integridade quando das invasões de estrangeiro". (DOMINGUES, 2017, p.143).

Ao analisar tais citações fica completamente difusa a atuação Pan-Africanista Brasileira, ela, ao meu ver, se apresenta como um canal reprodutor das ideias de

Garvey em uma construção coletiva de pensamento enraigado no que propunha DuBois. O que fica de saldo ao analisar os dois pesquisadores (Domingues e Francisco), é que "nem todos os negros ligados ao O Getulino simpatizavam com a palavra de ordem internacionalista de retorno à África [...] o jornal não se apropriou simplesmente do garveyismo, antes procurou interpretá-lo e filtrá-lo em consonância com os anseios e as expectativas de seus editores, que não se identificavam explicitamente com uma "essência africana" (DOMINGUES, 2014, p.144). Enquanto em Franscisco: "Ao utilizar os jornais afro-americanos como fonte de informações regulares, o Clarim passou a abordar as questões relacionadas à África de maneira diferente, deslocando-se de uma África genérica e atrasada para uma dinâmica concebida por meio de uma interpretação pan-africanista". E assim gradativamente todo um novo cenário foi sendo construindo a partir da noção, segundo Arthur Grey, que "os negros da diáspora deveriam se manifestar contra a opressão dos brancos [...] A história nos ensina que somos os descendentes dos nossos antepassados, que foram roubados da África; o presente

nos ensina que a África está sendo dividida entre as nações ladras do mundo como suas propriedades. Hoje, milhões de povos pretos de descendência africana estão se submetendo a dominação daqueles que têm roubado-lhes a riqueza, o lar, a família e a cultura". (O Clarim da Alvorada, 23 de agosto de 1930, p.4).

Contudo, os aspectos da prevalência Garveyista puderam ser melhor observados nessa "nova era" do Clarim, nas afirmações: "Marcus Garvey é o ilustre negro jamaicano, […] que está sempre trabalhando para o bem da sua raça"61 ou "Marcus Garvey é o homem de sua raça como outros grandes 'leaders' da América, que estavam prontos a dar suas vidas para que pudéssemos viver. Ele, diferente dos primeiros 'leaders' dos negros, está pronto a ir até o limite por causa de sua raça". (CLARIM D'ALVORADA, 1930, p.4). "O corpo de Marcus Garvey pode ser preso, mas não o seu espírito porque o seu espírito está em toda parte" (CLARIM D'ALVORADA, 1930, p.4). Domingues ressalta que Garvey foi visto como um "ícone expoente da raça" pelos negros editores do Clarim d'Alvorada. Em raro comentário, Carlos Leite, referida liderança do jornal, afirmou: "As ideias de

Garvey “vieram reforçar as nossas. Com elas nós criamos mais convicção de que estávamos certos. Fomos descobrindo a maneira sutil do preconceito brasileiro, a maneira de como a gente era discriminado” (LEITE, 1992, p.80-81).

CAPÍTULO 6

PAN-AFRICANISMO BRASILEIRO NO CAMINHO PARA O QUILOMBISMO.

Inevitavelmente estudos sobre a temática pan-africana brasileira traçaria caminhos e paralelos com o que é considerado um dos maiores intelectuais negros da história do Brasil, Abdias do Nascimento. Todo o contexto que tem sido narrado no presente trabalho faz parte da conjuntura também vivida por esse paulista, nascido no interior de São Paulo, na cidade de Franca, em 1914, sendo neto de pessoas que viveram em condição de escravidão. A história de Abdias do Nascimento, tendo como base escritos de Jenifer Riste, que por sua vez utiliza a própria autobiografia do mesmo para compor seu trabalho, revela o padrão de pessoa preta que soube aproveitar pequenas brechas possíveis no "sistema". Alguns contatos com livros foram capazes de abrir um universo de possibilidades formativas e de conhecimento

para o referido intelectual. Nascimento, ainda como fruto de sua época, realizou processos acadêmicos e militares, até fazer parte da Ação Integralista Brasileira (AIB), segundo o historiador Pedro Ernesto Fagundes, "o primeiro partido político de massa do Brasil", que estava ideologicamente alinhado aos valores de direita.

Apesar de hoje ser visto como homem preto, Abdias não abdica de ter passado por esse processo que Neuza Santos descreve de "tornar-se negro". E, ao longo de sua atuação, esse espírito que o impulsou a ser um grande líder da causa foi se solidificando. (RISTE, 2022, p.34), nos traz que: "Foi durante uma viagem em Lima, no Peru, em 1944, que Abdias pensou o Teatro Experimental Negro, enquanto assistia à peça "O Imperador Jones", de Eugene O'Neil, interpretada por Hugo D'Evieiri, um argentino branco pintado de preto. Abdias então refletiu sobre como o mesmo fenômeno acontecia no Brasil". Esse acontecimento surgiu como estopim para logo após Abdias do Nascimento fundar o TEN (Teatro Experimental do Negro), em suas palavras: "Fundando o Teatro Experimental do Negro em 1944, pretendi organizar um tipo de ação que há um tempo

tivesse significação cultural, valor artístico e função social. De início, havia a necessidade do resgate da cultura negra e seus valores, violentados, negados, oprimidos e desfigurados. O negro não deseja a ajuda isolada e paternalista, como um favor especial. Ele deseja e reclama um status elevado na sociedade, na forma de oportunidade coletiva, para todos, a um povo com irrevogáveis direitos históricos. A abertura de oportunidades reais de ascensão econômica, política, cultural, social, para o negro, respeitando-se sua origem africana" (NASCIMENTO, A. 1968, p.37-51, apud. NASCIMENTO, E, 1981, p. 188). Ainda sobre o tema Ruste completa que: "O TEN foi muito mais que um grupo teatral composto por negros e negras. Sua trajetória é marcada não apenas pela produção teatral, mas também pelas atividades políticas da militância negra, desenvolvendo cursos de cultura em geral, alfabetização de adultos, concursos de beleza e artes plásticas, se tornando também responsável por editar o jornal Quilombo. O TEN nasceu para protestar contra a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros, resgatando a tradição cultural que sempre foi negada aos padrões culturais brasileiros" (RUSTE, 2022, p.35).

Abdias não parou apenas nesse lindo projeto, e pelo potencial combativo de suas manifestações em forma de arte foi censurado pela ditadura militar, tendo que fazer um autoexílio em terras norte-americanas, que por sua vez estava em ebulição pelas lutas dos direitos civis para cidadãos negros. É possível estabelecer uma pequena relação entre Abdias e membros de seções do Partido dos Panteras Negras. Rapidamente Nascimento alcançou o grau de professor universitário de temas como Culturas Negras nas Américas e por meio desse projeto é que efetivamente pode compreender os elementos que têm sido tratados neste estudo, o caráter peculiar do pan-africanismo brasileiro em meio as questões universais. Esse fator não apenas o faz analisar o tema, como também a prática do que hoje é considerado um "racismo à brasileira", ou seja, elementos muito particulares do desenvolvimento das práticas racistas que aconteciam no Brasil desde aquela época. Segundo Túlio Custódio (2011), no que se refere à trajetória de Abdias Nascimento, os anos entre 1974 e 1981 podem ser analisados sob três perspectivas: a) aumento da sua produção, b) presença em congressos internacionais e c)

radicalização de seu discurso ideológico. Esses fatores o levaram a produzir seus dois maiores best-sellers *Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado (1978) e O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista (1980).* E para (RISTE, 2022, p.46) "foi nesse momento que Abdias criou o conceito de Quilombismo, uma proposta política para a organização social". Enquanto ideal de um intelectual exilado nos contextos apontados "O Quilombismo foi um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no país". (NASCIMENTO, 2019, p.305). Segundo Abdias, nossa maior herança luso-brasileira é o racismo sutil, difuso, evasivo, camuflado, assimétrico e mascarado. Este racismo, ainda segundo Nascimento, encontra amparo no Estado, que incrustado da ideologia de democracia racial, conseguiu paralisar e sufocar a população negra do Brasil. Para Nascimento, "democracia racial" é o significado de uma metáfora para o estilo do racismo brasileiro, não tão notório como nos Estados Unidos e nem autenticado

como na África do Sul com o apartheid, mas eficientemente legitimado em níveis governamentais, difundido na estrutura social, psicológica, econômica, política e culturalmente pela sociedade brasileira (RISTE, 2022, p.51-52). A riqueza da produção deste texto nos traz ainda que: “Abdias expressa que o conjunto de ações ao qual se refere o sistema de estratificação racial impossibilita os africanos e afrodescendentes de terem viabilidade de compreensão mútua da sua realidade social. A não existência de vínculos culturais e ideológicos entre africanos e afrodescendentes na diáspora impede a ascensão de qualquer forma de assimilação de uma visão política coletiva”. Esse pensamento nos leva ao entendimento que: “Os quilombos, que variavam segundo o tamanho das terras ocupadas e o número de seus habitantes, costumavam manter bem organizada e eficiente produção agrícola, formas de vida social instituída segundo modelos tradicionais africanos adaptados à nova realidade da América. (NASCIMENTO, 2019, p. 74). Nascimento (2019) desenvolve o projeto de uma unidade pan-africana que visa superar os modelos onde a supremacia branca

permanece como dominante das relações sociais. A autora nos traz em resumo que: “Na obra "O Quilombismo", Abdias Nascimento concebe uma representação sobre a condição social do afro-brasileiro. Após expor toda a dinâmica do processo de preconceito, discriminação, segregação e racismo sofridos pelo negro brasileiro, Nascimento sugere o quilombismo como mecanismo qualificado para promover à reorganização social e política do Brasil. O quilombismo é visto como uma alternativa à sociedade racista e preconceituosa elaborada pela elite brasileira”. (RISTE, 2022, p.58).

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, o presente trabalho procurou apontar as questões as quais o tema sugere, apresentar uma perspectiva particular do que foi o Movimento Pan-Africanista no Brasil. A princípio, o que parecia ser mais um movimento conservador, se revelou como um movimento de rede que ligava pessoas pretas brasileiras a possuir uma visão global do que se discorria ao redor do globo. Em um primeiro momento pensou-se ser mitigada a possibilidade de Garvey, por possuir um discurso mais inflamado, que produzia mais revolta e ação. Foi possível notar um espírito de época que potencializou o Pan-Africanismo Integralista a uma aproximação com os valores de democracia racial, entretanto, por essa perspectiva, as escolhas dos redatores da Imprensa Negra foram mais alinhadas ao que se propunha o líder jamaicano. É bem verdade que o Brasil, a partir de uma visão macro, pode parecer alheio a rede do Pan-

Africanismo Mundial, o que se revela como sabedoria essa possibilidade de enquadrar alguns discursos e outros não. O negro brasileiro quis se integrar, mas de um jeito próprio, sabendo da necessidade da luta e da não mais subjugação. Estes pavimentaram o caminho para personagens como Abdias do Nascimento, que por sua vez está intrinsicamente relacionado ao surgimento do Movimento Negro Unificado, em 1978, que pode ser considerado o símbolo maior da luta e resistência dos negros brasileiros até hoje. Ainda há um caminho a ser trilhado sobre África e um melhor entendimento de sua importância em nossa formação, o presente trabalho buscou ao menos mostrar que o debate existiu e que talvez nessa rede universal a pessoa preta consiga atingir uma certa plenitude naquilo que ainda é um combate às desigualdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMSELLE, Jean-Loup. Branchements: anthropologie de l'universalité des cultures. Paris: Flammarion, 2001.

APPIAH, K. Anthony. Na Casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

BARBOSA, Muryatan. A perspectiva Africana de Joseph Ki-Zerbo. In: MACEDO, José Rivair (Org.). O pensamento africano no século XX. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

BETI, Mongo; TOBNER, Odile. Dictionnaire de la negritude. Paris: L'Harmattan, 1989.

CAMPBELL, Horace. Garveyism, Pan-Africanism and African Liberation in the Twentieth Century. In: LEWIS, Rupert & BRYAN, Patrick (ed.). Garvey: his work and impact. New Jersey; Africa World Press, 1994, p. 167-188.

CARRILHO, Maria. Sociologia da negritude. Lisboa: Edições 70, 1975.

DECRAENE, Philippe. O Pan-africanismo. Paris:Presse Universitaire de France, 1962.

DOMINGUES, Petrônio, (2017), O "Moisés dos Pretos": Marcus Garvey no Brasil, Revista. Novos Estudos, V36.03, p.129-150 CEBRAP, nov, São Paulo.

DURÃO, Gustavo de Andrade. Intelectuais africanos e pan-africanismo: uma narrativa pós-colonial. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 212 - 242, jul./set. 2018.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro, (2014), A redenção da raça negra em uma perspectiva internacional: discursos do Garveysmo no jornal O Clarim da Alvorada, Faces da História, V.1. Nº1 p.89-105, jan-jul, Assis-SP.

IRELE, Francis Abiola. Négritude et condition africaine. Paris: Karthala, 2008.

JAMES, Cyril Lionel Robert. A History of Pan-african Revolt. Oakland: PM Press, 2012.

KALY, Alain Pascal. O inesquecível século XX: as lutas dos negro-africanos pela sua humanidade. In: DA SILVA, Josué Pereira (Org.). Por uma sociologia do seculo XX. São Paulo: Annablume, 2007.

LEITE, José Correia. ... E disse o velho militante José Correia Leite. São Paulo: Noovha America, 2007.

LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NUCCI, Priscila. Abdias do Nascimento e o congresso Afro-campineiro de 1938. São Paulo, 2012.

MBEMBE, Achille. "As formas Africanas de Auto-Inscrição". Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, n. 1, p.171-20, 2001.

PAIM, Márcio. Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na Casa de Meu Pai. Sankofa: Revista de História da África e de Estudos de Diáspora Africana, Ano VII, n.XIII, Julho, 2014.

RABELO, D. Editorial. Revista Polyphonía, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 9–13, 2015. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sv/article/view/34121. Acesso em: 11 nov. 2023.

RUSTE, Jenifer. O pan-africanismo na obra O Quilombismo de Abdias do Nascimento. Santa Catarina, 2022.

SANTOS, Donizeth. Pan-Africanismo e movimentos culturais negros. Analecta, Guarapuava, Paraná, v.8, n.1, p.67-77, jan./jun., 2007.

TEIXEIRA, Elisa Ferreira. Caminhos do exílio: antirracismo e práticas emancipatórias nas trajetórias de Abdias Nascimento e Paulo Freire (1964-1981) / Elisa Ferreira Teixeira. - João Pessoa, 2021.

O CLARIM da Alvorada (1924-1932). São Paulo.3 de fevereiro de 1929, p.1.Disponível no Arquivo do Estado de São Paulo.

O CLARIM da Alvorada (1924-1932). São Paulo.24 de novembro de 1929, p.1. Disponível no Arquivo do Estado de São Paulo.

SOBRE O AUTOR

Licenciado em História e Bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

E-mail: allison.teixeira20@gmail.com



ISBN: 978-65-981790-7-6